

A maior tiragem de todos os semanários portugueses
Ano III—Número 126 Preço avulso 1 Escudo 12 Páginas

O DOMINGO

ilustrado

SEMANARIO

R. D. PEDRO V. 18
TELEF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEXTOS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



OS MARUJOS ALEMÃES

Risonhos e contentes, deram a nota pitoresca da semana os marujos alemães da esquadra que nos visitou, tendo tido, pela sua impecável linha de correcção e delicadeza a simpatia unânime da população.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

ESTE NUMERO FOI VISADO
PFLA COMISSÃO DE CENSURA

cronica da semana

O RISCO DA MORTE

MORRE-SE em todas as profissões. Ha em todo o caso algumas em que se morre mais do que noutras. A Aviação está neste caso. Um aviator que sobe num aparelho está mais proximo da morte do que um guarda-nocturno que sobe uma escada. Cada profissão tem, portanto, uma percentagem de riscos—que colocam o homem á mercê do primeiro acaso que o leva para o outro mundo pela gola do casaco.

Entre nós, e supponho que um pouco tambem lá fora—há duas profissões perigosas, duas profissões que tem pelo menos cinquenta por cento de probabilidades contra a segurança dos que as praticam: são as de aviator e transeunte.

Ter um «brevet» de transeunte em Lisboa é tão arriscado como ter uma carta de piloto. Com uma diferença: o piloto morre gloriosamente e os jornais consagram-lhe tres colunas na primeira pagina. O transeunte morre, stupidamente e os jornais dispensam-lhe tres linhas na terceira pagina.

Como vêem, ha varias especies de mortes. Umas mais gloriosas, outras menos gloriosas. Umas mais romanticas, outras menos romanticas. Umas mais higienicas, outras menos higienicas.

A morte do aviator é sempre uma morte gloriosa. O suicidio por amor é uma morte ron antica. O banho fatal é uma morte higienica.

A morte por atropelamento é uma das mortes mais insignificantes que Deus criou, quando fez o regulamento geral da vida.

Morrer debaixo dum electrico, por exemplo, esborrachado como uma fatura sem assucar, deve ser uma das recordações mais tristes—se não a mais triste—que o transeunte leva deste mundo.

Segundo uma comunicação scientifica recente, o atropelado resulta em neurasténico no outro mundo. Ha uma enfermaria especial para estes doentes no H. spital do Purgatorio: «Secção de atropelados». Tem um mania inofensiva: a de que conhecem todas as marcas de automóveis.

O homem, quando vem a este mundo, traz já na testa o selo da profissão: milionario ou mendigo, condutor de electricos ou passageiro, policia ou transeunte. Estas profissões odeiam-se entre si.

Com o «cachet» da profissão, o recém-nascido traz tambem uma folhinha do chamado Livro do Destino, onde estão previamente inscritos todos os riscos de morte que o não de acompanhar inseparavelmente pela vida fora.

E assim succede que o perigo está onde a gente menos o espera: tanto pode estar na carlinga dum avião como em dois bolinhos que se comeram ao almoço. No primeiro caso, morre-se pela Patria. No segundo, por uma indisposição de estomago.

Ha uma profissão que tem um contracto permanente assinado com a morte: é a de militar. Mas ha sempre maneira de illudir as clausulas do contracto. E succede entre nós que se morre em geral com cinquenta por cento mais de probabilidades do que se morre em transeunte.

NORBERTO LOPES
LOGICA INFANTIL

—Não seria mais comodo para o senhor um relógio de pulso?...

Ecos e Comentarios

Congresso de Aveiro

Em Aveiro está realizando-se o 1.º Congresso dos Professores do Liceu, isto é, dos que tem sobre os hombros a tremenda responsabilidade de medlar a feição social e cultural do Portugal de amanhã. Fazemos votos por que dessa reunião saia qualquer iniciativa fecunda. Não é sobre prioridades de processos didácticos que o professor do liceu deve consultar-se mutuamente. Não tenhamos a pretensão de fazer descobertas ou ir mais longe do que os metodologias estrangeiros. Que os professores do liceu procurem apenas o melhor caminho para aproximar os nossos filhos dum modesto deal educativo. E já terão ido muito longe.

Contrastes

Quando umas azas potentes, abrindo-se rum só vôo, arancaram da terra americana para vir pousar no meio da Europa, umas frágeis azas portuguesas afunda am-se no rio donde parti am as caravelas da India. As azas da America deslumbravam o mundo, quando as azas de Portugal desciam para o abismo... E, no entanto, existiria já, neste ano de aerea graça, uma grande America de imensas e gloriosas águias, se não h vesse existido, há ci co séculos, uma pequena águia de sangue real, empoleirada no Promontório Sacro, a acordar em usiamos da aventura e a adivinhar, entre as brumas cerradas, as terras virgens de civilização?

A nota «pelintra»

Em pleno Chiado, vimos marinheiros ale-

mães perseguidos por gaiatos, que lhes pediam cigarros. Portugueses a «pedir para o seu tabaco», a alemães... É possível que a marinhangem alemã não se perdesse a procurar, neste incidente de rua, um significado desprestigioso para a educação e brio nacional. Tenhamos essa esperança e continuemos, a nossa des preocupada existência...

O verbo «marangar»

«Marangar» não é bem «mangar», mas é quasi E' sinonimo de «fazer pouco» dos portugueses, de lhes meter as mãos nas algibeiras e receber comendas em troca, de obrigar vários sujeitos gordos e respeitáveis a irem Holanda só para dizer: «Ora, cêdo!» «Marangar», rigorosamente, quer dizer «ficar a rir, no fim», roubar e não pagar, obrigar os senhores gordos e respeitáveis a ligarem importância a um negociozinho que parece ter falhado, mas não falhou...

A livre America

Cinco senhoras americanas andam, desacompanhadas de maridos (u de outras pessoas de familia, fazendo uma grande viagem de recreio no hste «Alacrity», que alugaram pela bagatela de cento e oitenta contos semanais... Já andam no mar há perto de duzentos dias, e ainda se vão afastando da pátria. São cinco milionárias cujo supremo prazer consiste agora em não verem os maridos nem os filhos. São cinco milionárias de dólares, cinco mendigas de amor...

ALGUMAS QUADRAS DO LIVRO
A SAIR BREVEMENTE

“Cantigas que a gente canta”

Do meu pombal d'illusões
Que lindas pombas se soltam!
Ficam só desilusões,
Que as lindas pombas não voltam.E' sempre grande um amor
Dado a quem não nos quis,
Porque o dar só tem valor
Se não conta receber...Triste vida tem aquela
Que é de todos que a apeteçam!
Pois todos se servem dela
E todos a desconhecem.Amor palavra tão brève
De quatro letras, de quantas
Tem o insulto que escreve
O nome triste de tantas!...Gosto de ti com firmeza
Embora pouco te veja...
Há muita gente que resa
E não entra numa Igreja!Dizem os livros e os velhos
Que o encarnado é rancor,
Mas quantos cravos vermelhos
Trazem cantigas d'amor!...Tentei contar as estrelas,
Todas elas, uma a uma...
Vi teus olhos, duas delas
E não contei mais nenhuma!Puseste escritos num quarto
Dos quatro do coração...
Em conta posso alugar-to,
Se dás o quarto e pensão...Aquele que o tempo perde
A fazer de si alarde,
Faz lembrar a lenha verde
Que deita fumo e não arde...Os teus beijos! Nem os sábios
Sabem de tanta sciencia!
Ao tocarem nos meus lábios
Voltam logo á procedencia...

VASCO DE MATOS SEQUEIRA.

CIRURGIA SUÍSSA

—Aqui havia uma enorme queda de agua e já não há
—Foi no ano passado que fizeram a montanha a que
razão da catarata.

LER NA 7.ª PAGINA A NOVELA DE AVENTURAS

A POLICIA SUSPEITA DE UM CONDE ITALIANO

POR NORBERTO LOPES

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

DOMINGO
Ilustrado

HUMORISMO



Os Inocencios e os autores

e alguns mesmo a copiar tudo o que apanham lá e cá, sem reboço, sem pudor, deitando a unha a tudo o que lhes possa servir para o unico fim que visam: ganhar dinheiro. E' a caça aos direitos (por vezes absolutamente contestaveis) de autor, a caça a uns milhares de escudos, seja como fôr, por que meios e processos. E assim mal apanham uma ideia, um enredo, uma piada, deitam-lhe logo a mão sofregamente; e sem mais contemplos chamam-lhe sua. Também quando fazem obra original é quasi sempre de fugir.

—Mas para que fazer melhor? Se não ha publico.

—Pudera, com tais autores e tais interpretes, não ha publico possivel. Creia que são eles os unicos culpados deste geral desinteresse. Os comerciantes que vendem mau desacreditam o produto e não ha depois reclame que lhes valha; ninguem compra. Ora o publico que muita vez já tem visto lá por fóra as coisas que eles adaptam, ou melhor que eles adoptam como suas, prefere naturalmente não ter de fazer o confronto, que lhes seria sempre desfavoravel. Enfim, meu amigo, eu tudo suporto, mas com a falta de honestidade de processos e o impudor da apropriação pura e simples do trabalho e das ideias dos outros, não posso transgír.

—Tem razão Inocencio; isso revolta e é infelizmente entre nós muito vul-

Camões—por vários motivos—desde o principio ao fim do acto, dava pretexto ao desenvolvimento duma acção, a varias situações e ao fuzilar de umas piadas. Chamava-se a comédia «Faz que anda, mas não anda».

Pois, daí a um mês, se tanto, indo por acaso a um desses teatros de revista, deparo a certa altura com um quadro passado, (não no interior), mas no exterior dum carro electrico, parado também em tóda a scena, aliás curta



por alguns dos motivos que eu indicára e com grande numero de situações e piadas quasi gêmeas das minhas. De resto, a ideia tinha sido mal aproveitada, reduzida, estragada, com um desempenho estupidamente apalhado e sem qualquer das mais hilariantes situações, que eu por acaso omitira ao linguareiro.

Sai como deve calcular, não só irritado, mas nauseado; e para cumulo e para que me não pudessem restar duvidas, cá fóra, ao olhar aborrecido para o cartaz, vi ainda—pasmado do impudor—o titulo do quadro «Faz que anda, mas não anda».

Desde então mais se radicou em mim aquela verdadeira maxima de que o segredo é a alma do negocio, principalmente em coisas de teatro.

—E está convencido que foi cardanho?

—Enquanto me não provarem o contrario. E de resto, Inocencio, em face das circunstancias e em presença do objecto criminoso, não era licito duvidar.

—Não me admiro porque no capitulo de revistas é vulgar esse processo de trabalho, ou melhor, esse processo de poupar trabalhos. É o que se chama a socialisação forçada do trabalho literario. Mas explica-se. E' um genero onde tudo está muito explorado.

—Principalmente o publico, e daí a necessidade de lançar mão de todos os meios. Como era um filão rendoso

tem sido tão esgaratado por todos que está hoje na ultima.

—E' o genero em que abundam mais autores, nas mais complicadas e instaveis ligações, contratos e sistemas de colaboração. Ha imensas parcerias e parceiros; e os parceiros e as parcerias andam sempre em movimento: agora se reúnem, logo se desligam, se fundem, se dissolvem, se incompatibilizam, se reconciliam. Juntam-se ás meias duzias para fazer uma peça.

—Perfeitamente o caso dos 7 alfaiates para matar uma aranha.

—E afinal a gente chega lá e vê 30 sopeiras esqueléticas e disformes, pretendendo em vão disfarçar a «gaucherie» de gestos adquirida na cosinha, repetindo, maquinalmente e por musica, uns versos de pé quebrado—alguns mesmo sem pé nenhum—vários rabulistas apalhando umas cenas a fim de provocar a «forceps» o riso da galeria, algumas piadas já com cabelos brancos, musicas feitas com retalhos das mais variadas procedencias e no fim um trono de Santo Antonio, chelo de coristas, a descer e a subir, fazendo de apoteose. E' também nessa parte que as coristas vão melhor,—escada abaixo, escada acima,—como na profissão anterior.

E para isto se juntam ás vezes 4 e 5 revisteiros e outros tantos maestros scenografos, electricistas, cabeleiros' costureiros, adressistas, maquinistas' etc.

—Mas ha pior, Inocencio; li ha dias em qualquer parte a noticia teatral da junção em parceria de revista de 10 escritores e 6 maestros!...

—Ora aí tem. Isso, afinal, já nem é uma parceria, é um partido. E oxalá que nenhum deles adopte o sistema de adaptação clandestina, fornecendo ao publico o trabalho de outrem, porque então nem era um partido, era uma quadrilha...

AUGUSTO CUNHA

ANTIGA RELOJOARIA OLIVEIRA

Ha grande sortido de relógios em todos os generos, afiançando-se toda a relojoaria, assim como os concertos.

30, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 31 PALACIO FOZ

UM HOMEM DISTRAIDO



—Vens nesse estado? Aposto que te esqueste por lá do guarda-chuva...
—Sim... Não... lembrei-me dele só aqui á porta de casa para fechar...

NO RESTAURANT



O cliente, depois de jantar:
—Rapaz, chama...
—Um taxi?
—Não, a policia. Não tenho cheta para pagar...

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Curiosidades

UM TÚMULO EGÍPCIO

Depois da descoberta do túmulo de Tut-Ank Amon, no Egípto, um dos acontecimentos arqueológicos mais importantes foi o do encontro, em Giza, perto das Pirâmides, da sepultura secreta da rainha Hetepheres, mãe de Chéops, a quem se deve a grande pirâmide deste nome. Deve-se esta descoberta aos esforços reunidos da Universidade de Harvard e do Museu de Belas Artes, de Boston. Hetepheres era mulher de Sneferew, primeiro faraó da quarta dinastia, que reinou três mil anos antes de Cristo e era pai de Cheops, antepassado dos reis construtores das Pirâmides. Tem, portanto, uns cinco mil anos o sepulcro da rainha.

No túmulo foram já encontradas várias preciosidades, mas ainda não se encontrou a múmia. O sarcófago estava deserto. É possível que Cheops, em vez de depôr o cadáver no sarcófago, o escondesse, com receio dos profanadores. Vê-se que tinha razão, com cinco mil anos de antecedência...

PLANTAS MARAVILHOSAS

M. Alexandre Routhier, doutor em Farmácia e químico notável, publicou um livro dedicado ao estudo de duas plantas extraordinárias, o *peyote* e o *yajé*, usadas há séculos pelos índios mexicanos. Ambas essas plantas dão, a quem as usa, a faculdade de *ver o que se passa longe* e de conhecer o futuro. Desde tempos imemoriais que os índios do México absorvem *yajé* para encontrarem os objectos perdidos. Entre outros casos que observou, o Dr. Routhier conta o seguinte, acontecido com um europeu, o coronel Morales: «Em certa ocasião, o coronel tomou, ao deitar, 16 gotas de uma solução de alcaloides de *yajé*. Na manhã seguinte, o coronel anunciou que seu pai (habitando a 400 quilómetros do lugar onde estava Morales) acabava de morrer e que sua irmã estava enferma. A estação postal mais próxima ficava a quinze dias de viagem. Ao fim de um mês chega o correio. Com efeito, o pai do coronel falecera e sua irmã encontrava-se na convalescência duma grave enfermidade».



Singer
Ultimos
Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA
COSTURA, MOTORES ELECTRI-
COS DE FACIL APLICAÇÃO A
TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61
e em todas as filiais e agentes.

Uma nova capital

As cidades que morrem, as que ressuscitam, as que nascem... E a palavra «cidade» torna-se assim um sinónimo de «vida», de vida feita de milhares de vidas, coração onde pulsam as alegrias e angústias de milhares de corações. A grande Guerra matou, ou quasi matou, grandes cidades, por onde os grandes expressos ainda passam, como o sangue ainda passa nas veias e artérias, até ao último sopro de vida... Na Ásia, Pequim já não é a milenaria encruzilhada do mundo, onde todos os povos se encontravam. Na Europa, Viena, Constantinopla, Leninegrado (São Petersburgo ou Petrógrado), são espectros do que foram. Leninegrado foi vencida por Moscou, e despojada da corte e da nobreza, com os seus imensos palácios desertos ou transformados em asilos ou comissariados do povo, paga bem caro as suas horas de desdem, quando, virada para o Ocidente, parecia voltar as costas ás planícies geladas onde a miséria enriquecia de ideais vingativos os camponeses famintos.

Viena é ainda a capital da Austria, mas a Austria é um quarto do que era em 1914, um oitavo da antiga monarquia austro-húngara. Viena é uma cabeça grande demais para o tamanho do corpo; é uma cabeça condenada a uma congestão cerebral... Constantinopla já não tem os seus fabulosos tesouros: nem o trono de ouro incrustado de esmeraldas e pérolas, nem a cimitarra coberta de diamantes, que o sultão Mourad IV levava, na tomada de Bagdad... Tudo atravessou o Bósforo, sob as ordens de Mustafá Kemal, a caminho de Angora, simples burgo já asiático. O nome de Constantinopla foi substituído pelo de Stamboul; a cidade desfez-se, perdeu o seu pitoresco, quando os homens perderam o «fez» e as mulheres largaram o veu...

Mas, ao lado das cidades que morrem, há as que nascem. Está nessas condições a nova capital da Austrália, a cidade de Camberra, recentemente inaugurada pelos duques de York, filho e nora dos reis de Inglaterra.

De 1901 a 1908, Sydney e Melbourne, as duas maiores cidades da Austrália, pretenderam as honras de capital. Para pôr ponto na questão, resolveu-se criar uma grande cidade, a meia distância, entre Sydney e Melbourne. Escolhido o local, organizou-se um concurso para o plano da cidade, construída segundo todas as condições do *urbanismo* mais moderno. Foi aprovado o projecto dum architecto de Chicago, W.-B. Griffiu, ficando terceiro classificado um francês, Donat-Alfred Agache. No projecto aprovado foram introduzidas as modificações sugeridas pelas melhores idéas dos outros projectos. Em 1913, iniciavam-se os trabalhos e um ministro declarava solenemente que a nova cidade não conheceria nem fumo, nem poeira, nem lama, nem mau cheiro, e que as ruas estariam sempre asseadíssimas. A guerra interrompeu os trabalhos, mas hoje o sonho tornou-se realidade, e o local, quasi deserto há vinte e cinco anos, que contava 5 000 habitantes em 1920, conta hoje 30 000, e daqui a pouco já terá uns 100 000. Camberra já é designada pelos nomes de «Washington australiano» e de «Versailles dos antipodas».

A cidade é em parte construída sobre grandes elevações e é regada por vários rios, prestando-se a sua configuração topográfica ao estabelecimento de vastos reservatórios artificiais, que asseguram o fornecimento de água em abundância, não só para o consumo doméstico e industrial, como para a irrigação e produção de energia eléctrica.

Camberra será a cidade ideal, sob o ponto de vista higiénico e electrico. As ruas não se cruzam em ângulo recto, perdendo assim a cidade o caracter de monótona uniformidade; são curvas de perfil elegante e agradável. As elevações foram escolhidas para construir os principais edificios, como o Capitólio (no centro dum parque circular donde partem dez avenidas, cada uma com o nome dum dos estados da Austrália), o palacio do Parlamento, as residências do governador geral e do primeiro ministro, o Museu comemorativo da guerra, etc. Para as igrejas, escolas officiais e particulares, Universidade, Biblioteca, Museu Zoológico, Palácio de Justiça, etc., foram reservados vastíssimos lugares. Toda a cidade tem fácil acesso ás estações de caminho de ferro, cuja principal occupa uma posição muito central, no flanco do monte Pleasant. Na cidade, há grandes lagos artificiais, ladeados de espaçosas avenidas e jardins.

Camberra está dividida em zonas diversas: a zona política, a cívica, a das casas de habitação, a das lojas e armazens, a das fábricas, etc. Esta ultima está situada muito a Oriente, de forma a que os ventos de Oeste varram para longe da cidade o fumo e as emanações desagradáveis, que caracterizam os centros industriais. A Oriente, fica tambem o aerodromo federal. Muito a Ocidente, sobre o Monte Strombo, onde o ar é sempre puro e transparente, fica o observatório.

Camberra virá a ser um dos mais belos testemunhos, neste século, do que pode o esforço e o espirito de iniciativa de homens fortes, absolutamente integrados no anseio de grandiosidade e de actividade que tão bem caracteriza a vida moderna.

UMA ÁGUIA DOMESTICADA

No Turquestão chinês há um ou outro cavaleiro «kirghize» que consegue utilizar águias muito novas, domesticadas, para a caça aos antílopes, como se fossem falcões. Mas a águia é de difficilima domesticação. No entanto, num recente numero da Ilustração Francesa pode ver-se a fotografia do grande naturalista inglês C. W. R. Knight, tendo sobre um braço uma enorme águia negra da Escóssia, que conseguiu domesticar depois de um ano de convívio quotidiano. A águia auxilia o seu dono na caça e obedece-lhe submissamente. O capitão Knight é forçado, porém, a usar uma mascara de arame de aço e luvas de malha metálica, porquanto a águia ainda, por vezes, pretende cravar-lhe as garras, visto ser com estas e não com o bico —ao contrário do que se julga,—que o animal fere primeiro e consegue immobilizar a sua preza, mesmo que esta seja grande, como um carneiro ou um pôrco.

OS GATOS UTEIS AO HOMEM

Em Paris fundou-se uma Sociedade protectora dos gatos. Os peileiros começam a apreciar a pele dos simpáticos felinos que, livrando as habitações de ratos e ratazanas, livram os homens das terríveis doenças de que esses roedores são o melhor veículo. O célebre médico inglês, Dr. Buchaman constatou, num inquérito feito acerca da última peste na India, que só as populações onde havia gatos tinham sido poupadas pela epidemia. Sabe-se que o bacilo da peste e o pneumococo são geralmente transmitidos pelas pulgas dos ratos. Logo, há que proteger os gatos e acarinhá-los, senão por bondade, ao menos por egoismo e por hygiene.

UMA MADEIRA DE CABELO BASTANTE CARA

Um americano comprou agora uma madeira de cabelo por duas mil libras esterlinas, isto é, por duzentos contos de réis. Vai colocá-la numa «vitrine», para ser admirada e venerada. É uma madeira que o poeta Anton Santer cortou da cabeleira de Beethoven, quando o grande compositor jazia sobre o seu leito de morte.

LIVRALHADA

Em Paris há catorze bibliotecas que contem, por junto, 6 930 000 livros. As mais importantes são a Biblioteca Nacional, a do Arsenal, a do Instituto de França, a de Santa Geneveva, a Biblioteca histórica da cidade de Paris, a da Câmara dos Deputados, a da Escola Normal Superior, a Biblioteca Magarine e a do Ministério da Guerra.

Os insectos das
arvores

Evita eficazmente que as arvores sofram os enormes prejuizos que causam todos os insectos, usando-se o acreditadissimo produto americano:

Cola «TANGLEFOOT»

A' venda na DROGARIA CEZAL
De ALBINO GARCEZ 12, Rua do Comercio, 14

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
ilustrado

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

ESPECTACULOS IMORAIS

O bispo de Southwark é evidentemente um homem de espirito. Um jornalista londrino lembrou-se de o en revistar por ocasião do recente debate na Camara Alta (House of Lords) sobre espectaculos publicos degradantes.

Falando dos «films» que o publico condemnava como imorais, disse o bispo que não podia emitir opinião alguma a esse respeito, mas que concluiu, ante o parecer de pessoas sensatas, que esses «films» não eram desmoralizadores, mas, sim, «extremamente estupidos».

Eis ai, nesta simples frase proferida por um sacerdote austero, condensada toda a revolta do publico por certos espectaculos.

O que o indigna não é a preterita indecencia de um quadro. É a grosseria, a estupidez do autor e do actor.

«Extremamente estúpido» deveria ser o despacho final de uma censura criteriosa, de uma sollicita liga de moralidade à margem de uma peça inutilissima de intuitos imorais.

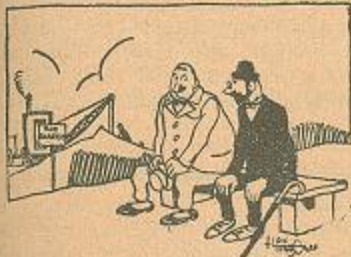
Ou as scenas, por mais desnudas, eram revestidas de uma indefinivel beleza—e não haveria imoralidade—ou eram grosseiras, brutais, nojentas e não chegavam a ser imorais por chocarem o publico com a estupidez intrinseca.

«Extremamente estúpido» fiaria deliciosamente em logar do «irresistível» e do «ilustre» que, segundo o costume, precede os nomes daqueles que se dão ao luxo de ser imorais.

E seria de esperar que o empresario intelligente—aonde o houvesse— não montasse a peça do «extremamente estúpido», na soberba definição do desempoeirado bispo de Southwark...

CARLOS ABREU

MORTE PROXIMA



—Men caro amigo, acabo de ver a morte bem perto de mim!...
—Sim?... doença?... acidente?
—Não. Venho daí enterra.

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pai dos cinemas lisboetas. Ótimos films, sempre variados e para todos os paladares do publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Amplissima e elegante sala.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Films de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Últimamente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a torná-la a preferida do publico.

S. Luiz Politeama Trindade Avenida Apolo Eden Variedade-Salão Foz des

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scène» do teatro musical, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Azevedo de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e o barítono brasileiro Silvio Vieira que tanto cello já alcançou. A melhor sala de espectaculos de Portugal. «Bairro Alto» soberba montagem.

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Nascimento Fernandes Raêl Marques e Conchita Ulla, grande estrela de «varietés». Actualmente, a opereta sem musica, cheia de verve: «Joãozinho».

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucilla, com Erico, Almada, Amélia Pereira e um formidavel grupo dramático que está à altura de mais difficil repertorio internacional. As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa. A «Fosca»

Companhia Satanela Amaranthe. A companhia mais simpatica ao publico. Alem de Amaranthe — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca ao «tê» parisiense de seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «O Padre Cura».

Brevemente companhia Almeida Cruz com a revista «Cosido á portugueza».

Encerrado temporariamente.

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e drama». Exitos, «tournees» triunfais a estarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer. Actualmente «O Topa a Tudo».

A revista «Secretário dos Amantes» com o quadro novo de grande successo «Triste Fado» desempenhado por Hortense Luz e Adelfina Fernandes.

momento

teatral

cá por dentro

A reaparição de Lina Demoel

Lina Demoel, a creadora, entre nós, das «Rosas», regressa ao estonteamento, á scintillação da Revista, onde impera como estrela, como favorita do publico.

Traz uma avalanche de plumas e de sedas que vão refulgir na orquestração do seu riso, com que ela sublinha o couplet, a dança, todos os momentos da Revista.

Lina Demoel, a vedeta 1927, vestirá todas as galas nos principais papeis da revista «Cosido á portugueza» com que reabre, por estes dias, o Eden Teatro, sob a direcção de Almeida Cruz.



PEREIRA ARRIAGA

Finou-se na sexta-feira Pereira Arriaga, homem probo, artista honesto e bom. A sua morte proibe-nos os adjectivos de louvaminha. Esse que tombou foi uma victima da disciplina, do brio profissional. Nunca se abalançou a feitos para que se não julgava habilitado. E não foi, como tem sido e são tantos outros, com muito menos valor do que ele, empresario, director de companhia.

Pereira Arriaga, individualidade ilustrada e culta, foi simplesmente um actor de fileira, calcando todas as injustiças, não rejeitando papeis, aceitando o que lhe davam... por disciplina. Certos empresarios vampiros aproveitaram-se da nobreza de caracter de Pereira Arriaga para lhe sugarem o sangue.

A sua morte, verdadeiramente, vem d'ahi. Da falta de conforto, da falta de alegria, da injustiça sofrida dia a dia e meditada e amargurada. Morreu com quarenta anos, o bom e brioso artista. E talvez a sua maior felicidade, com o homem de teatro, se resumisse em encontrar finalmente na ultima quadra da sua vida, um empresario amigo: Almeida Cruz. Mas já era tarde: Outros lhe haviam consumido a existencia.

São de hontem duas das suas mais interessantes creações: O «Toureiro» da Mouraria e o «Director do Colegio» do Filho de III classe.

Deixou, de colaboração com Adriano de Mendonça e Alvaro Leal uma peça popular intitulada «O Pilha de Alcantara» que a companhia Almeida Cruz montará em Outubro.

A viuva de Pereira Arriaga está a braços com quatro filhinhos, e, em vespuras de mais um.

Lembrem-se os actores, os espesinhados como ele, e que, portanto, devem ter um sentimento recto de justiça, de que Pereira Arriaga foi um homem probo e um artista honesto e bom. E de que sua «desventurada familia precisa de viver.

Estamos na época das medidas extremas e arbitrárias... Um empresario, por não se querer sujeitar a uma determinação da lei — e resume-se o caso num «fauteuil» permanente para o inspector geral dos teatros—ameaça os artistas com a dissolução da companhia. Que teem os artistas com isso?

—Afinal Ilda Sticchini sempre organizou companhia, sempre arranjou artistas e peças e contractos e sempre saiu de Lisboa em «tournee», na data previamente designada. «Ce que femme veut...»

—Vamos ter em breve uma nova «vedeta»... Agora que alguém se lembrou da jovem actriz, relegada para o pino de fundo de uma companhia (de declamação, é que o antigo empresario torce a orelha e promete grandes papeis... Mas a pequena é esperta. «Mais vale ser rainha uma hora...» diz-lhe com os seus botões. Vê-la-hemos na protagonista da «Madragoa»; a não ser que...

—Chaby, inheiro e Jesuina de Chaby com Leopoldo Frois, Brunilde Judice e, muito provavelmente, Emilia Fernandes embarcam na segunda-feira, 13, para o Brasil.

O empresario José Loureiro entendeu patrioticamente que não devia levar daqui uma companhia. Esta forma-se no Rio de Janeiro. De Portugal só vão os «estrelas». É muito mais economico. As passagens estão caras.

—O labirinto das «divetes»... Hortense Luz, que atingiu a craveira dos ordenados de Laura Costa, sahio do Foz e vai para o Maria Victoria. Auzenda d'Oliveira, para variar um pouco, vai fazer comedia com o Nascimento. Filomena Lima passa-se para o Apolo. Adelfina Fernandes entende que isto de cantar o fado em Portugal é honra sem proveito.

Quer ser paga em marcos oiro. E faz uma viagemzinha até á Alemanha, a gravar discos. Deolinda de Macedo foi adquirir a Paris les derniers nouveautés. Deve trazer de lá tantas plumas quantas vezes cantou a Espiga.

—«Patati-Patati». Que titulo mais engraçado! Parece troça, mas não é... «Patati-Patati» é o titulo de uma nova revista. Como está em moda a usurpação das ideias de cada um, pedem-nos os autores da revista, dada a expansão que tem o «Domingo Ilustrado», que declaremos o seguinte: «Patati-Patati» tem 3 actos. Está quasi concluida. Destina-se a uma companhia de genero musicado. Nem que se matem, os nossos revistografos descobrirão os novos rivaes, embora sejam pessoas relacionadas no meio da gente do jornal e do teatro. E mais: «Patati-Patati», é o escalpelo da politica, da finança, das artes, da imprensa. Será uma revelação e uma revolução a valer.

Maria Vitoria

A peça

ESTRELA D'ALVA

Opereta em 2 actos

de costumes serranos

Cosulich Line

Presidente Wilson

esperado a 7 de Junho

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª

CAES DO SODRÉ, 64, 1.º

LISBOA

Telef.: C. 3601 3602 e 3603

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RO-

CIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

QUINTA-FEIRA Maior, em Lisboa.

As igrejas, de altares floridos, evocavam, gravemente, Cristo e o seu drama. Lá dentro e pelas ruas, a multidão vestida de luto. Alberto e Gracinda acabavam de entrar na Sé. Atraz deles a tia Maria Carlota e a avó.

Alberto, dando a mão a Gracinda, abria caminho, na onda humana que se movia lentamente.

Subito, a mão dele tremeu e Gracinda, admirada, interrogou-o com o olhar. Muito baixo, num grande recolhimento, ele confessou:

—Olha, Gracinda; a Sé, como todos os templos mediévos, satisfaz em absoluto a minha religiosidade. Dentro dela sinto a alma crescer e purificar-se.

Contudo, tive agora a impressão de que sózinho não me aproximaria de Deus e estremei ao compreender que só tu me poderias ajudar, acompanhar, na ascensão que tem como alvo a paz suprema, a felicidade completa.

—Queres, Gracinda, ser minha mulher? Ela não respondeu nada, os olhos a perderem-se num mundo de pasmo.

Pouco depois saíram e como a Sé era a setima igreja visitada, Gracinda e Alberto separaram-se, prometendo ela dar-lhe uma resposta, logo que tivesse pensado.

—Fizeste bem em vir, Alberto. Conversaremos e entender nos-hemos muito melhor do que se te escrevesse, só... Gracinda sorria, magnifica de beleza no seu vestido cõr de ouro, e fitando em Alberto uns olhos que diziam ternura, não isenta de encantamento, ela continuou:

—Olha bem para mim, Alberto. Aqui, despoetizada pela luz crua do Sol. Olha bem e muito sinceramente diz-me se tens a coragem de repetir a pergunta que me fizeste na Sé.

—Agora e sempre, Gracinda!

—Pois bem, Alberto. Apesar de tudo, eu respondo negativamente á tua pergunta.

—Mas, porquê?

—Senta-te e acalma-te. E' preciso que falemos como dois bons amigos; é preciso que desta conversa não resulte amargura nem desespero, mas o revigoramento da nossa velha amizade. Ora ouve: é tu ainda não te viste ao espelho? Não viste ainda que és lindo, de uma beleza quasi feminina, que a mulher que te convêm não pode ser, de forma nenhuma, a Gracinda, que só estará bem ao pé de um homem musculoso e enorme?

—Queres dizer que não te agrado... —Não, meu amigo; quero dizer, simplesmente, que somos belos, mas de uma beleza dispar que se não pode unir. Quando um dia encontrares a beleza loura e fragil que te complete, me agradecerás, e quando eu encontrar o homem forte que espero, contar-te-hei a minha felicidade. Seremos irmãos. Não podemos ser mais.

Houve um grande silencio. A' volta era tudo quietação. As glicínias embri-



gavam o ar. Uma rosa agonizava, nos dedos nervosos de Alberto.

—Seja! Se assim o queres... Vou para a Africa, sabes? Ofereceram-me um lugar em Lourenço Marques. Eu não tinha resolvido ainda, á espera do que disseses, mas visto a tua resposta ser negativa, sempre aceito.

—Mas, Alberto, não será lá o sitio mais propicio para encontrares a tua beleza loura e fragil.

—Pelo amor de Deus! Não falemos mais em tal...

Alberto partiu e desde então o correio trazia para Gracinda, todas as semanas, uma carta de Lourenço Marques.

Tinham-se passado três anos.

Gracinda diafaneizada e esguia, de luto rigoroso, passeava no Passado, tão proximo ainda. A queimadura e o zelo daquele beijo de morte faziam-na estremecer. E, dolorosamente, ela recordava o casamento de paixão, que se convertera, no dia nupcial, mesmo em tão amarga tragédia. Via-se noiva e a ele, tão belo, tão forte...

Depois, o primeiro beijo, no automovel que os levava para Sintra. O primeiro e o ultimo. João Carlos abraçara-a e colara os labios dele aos dela. Subitamente, um liquido viscoso e quente que saía da boca dele em bor-



Apesar de tudo, eu respondo negativamente á tua pergunta.

botões encharcou-lhe os labios. Ela afastou-se e olhou. Era sangue! Apalpou as mãos queridas e ao senti-las frias e inertes, um grito pavoroso, que alarmou o «chauffeur» saiu-lhe da garganta oprimida. Voltaram para Lisboa, onde ele chegou já morto. O medico, ao passar a certidão de obito, escreveu estas palavras: Rotura do aneurisma.

E ali estava ela, viuva e só, no ninho que com João Carlos tão amorosamente guarnecera.

E Alberto? Alberto, desde que ela lhe mandara dizer que estava noiva, nunca mais lhe escreveu. Não sabia o que era feito dele, se era vivo, ou morto, como o outro, também. Vinha-lhe



... grito pavoroso, que alarmou o «chauffeur».

á memoria, agora, aquela Quinta-Feira Maior, em que na Sé, ele lhe rezara o lindo sonho, na Sé onde Deus abençoara o seu amor e o de João Carlos.

—Pobre amigo!
Gracinda abeirou-se da janela.



Há umas três semanas, referindo-me a um livro de sonetos da Senhora D. Amelia de Guimarães Vilar, afirmei que esta senhora era uma poetisa quasi exclusivamente subjectiva. Esta afirmação era menos fundamentada, porquanto se baseava apenas no conhecimento da obra a que se fazia referencia. Enviando-me os seus varios livros de versos e invocando uma cousa a que chama «lealdade literaria», a Senhora D. Amalia Vilar sugere-me a ideia de me penitenciar publicamente. Faça-lhe a vontade com todo o gosto, e agradeço os livros oferecidos.

NOVOS RICOS — romance por José de Faria Machado.

Auguro a esta obra o melhor acolhimento público. E' o romance ideal para todos os gostos. A prosa não é arcaica nem modernista. O assunto não é demasiado original nem dos mais «astos». Tem interesse, oportunidade, verdade

Lá fora, o sol glorioso iluminava tudo com a luz branca.

Olhou para o relógio. Duas horas. A avó tinha-lhe dito que fosse lá passar o dia, e era tão tarde, já...

Vestiu-se apressadamente, saiu e tomou um carro para a Graça.

—Porque será que a recordação do meu pobre amigo me obseca tanto, desde que entrei no electrico?

Veio o condutor. Pagou o bilhete e quando levantou os olhos viu, na sua frente, alguém muito parecido com o Alberto. Julgou, a principio, que fosse uma alucinação a que a espessura do veu triste de viuva emprestasse realidade. E os olhos, fartos de chorar, encontraram nos dessa imagem um conforto tão grande, que se demoraram neles, indefinidamente.

Um solavanco do carro fê-la voltar a cabeça.

A Sé, imponente e severa, erguia-se, a agitar nela a angustia que por momentos adormecera. Atravez das lagrimas ela fitou o seu companheiro de viagem, que tinha empalidecido e que, sem mandar parar, ao passar junto dela, para descer, murmurou:

—Perdõe, Gracinda.

Era ele, de facto, mas não tinha nada, já, daquela beleza feminina que a fazia sorrir.

Estava tísnado, magro, envelhecido.

Mezes depois, Gracinda casava com Alberto.

A mesma Sé, que era a materialização do misticismo dele e que fôra a grande Inimiga dela, quando tudo sacrificara á beleza material, enchia-lhe agora a vida, de uma felicidade indefinível.

MARIA AMELIA

e naturalidade. Nada fica a dever a tantas brochuras, também de capa amarela, que fazem as delicias de muitas meninas ociosas que adoram Henri Arjel e Guy de Chantepleure.

Tereza LEITÃO de BARROS.

CONSOLAÇÃO



—Ela acabou por se consolar da perda do primeiro marido...
—Sim, mas o segundo é que está cada vez mais luto solavel com a morte do primeiro...

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A policia suspeita dum conde italiano...

*Página policial dos nossos dias,
onde passa a figura misteriosa
dum aristocrata suspeito, que
perdeu dinheiro a jogo.*

holandês que se dirigiu á mesa onde o conde ceava. Houve quem o visse perder a côr—que era morena—quando o holandês se aproximou.

Trocaram um cumprimento de pessoas que se tinham despedido na véspera, e, terminada a ceia, levantaram-



Jogava e perdia. Perdia sempre.

se os dois e foram conversar para a sala de leitura.

Um agente da policia diplomatica, que não tinha largado o assunto de mão, vigiava os dois estrangeiros.

Nessa noite, o conde não jogou e saiu cedo do club. Algumas raparigas disseram:

—A condessa Nathalia está viuva.

Mas no dia seguinte voltou. E continuou a jogar. E continuou a perder. Decorreu uma semana e a sorte não havia maneira de o proteger.

No ultimo dia em que foi ao club, levantou-se da mesa depois de ter perdido a ultima nota. O seu rosto estava mais pallido que de costume. Havia alguns cabelos brancos a mais na sua cabeça. Em volta dos seus olhos viam-se dois sulcos roxos e profundos. Aquella palidez emprestava um encanto novo á sua fisionomia cansada, de homem que já tinha pago o seu tributo ao amor.

Dirigiu-se para a sala de leitura e mergulhou num *fauteuil*, onde se conservou durante algum tempo, de olhos vendados pela palma da mão direita, numa attitude de quem se concentra num pensamento grave.

A «condessa Nathalia» aproximou-se levemente dele e passou-lhe pela primeira vez a mão pela cabeça. Ao con-

tacto daquela caricia inesperada, o homem que tinha perdido ao jogo voltou a cara. Havia uma expressão de doçura triste nos seus olhos.

A «condessa» nunca o tinha visto assim. Aquella cara era outra. Tinha-se transfigurado. E ella, que o tinha seguido sempre para lhe sacar dinheiro, começou a sentir que gostava dele—por amor.

O conde teve um sorriso desdenhoso:

—Que queres? Já não tenho mais dinheiro. Perdi a ultima nota.

—Não é dinheiro que eu te peço. Quero que me abras um pouco a tua alma, como se estivesse a teu lado uma irmã.

—Por que te interessas pela minha alma? Deixa-a sofrer em silencio. Não venhas complicar mais a minha existencia.

E ella perguntou-lhe em voz baixa, sentada num braço do *fauteuil*, com o seu cabelo negro a roçar a palidez de marfim da cara dele:

—Por que soffres? Fala. Não me julgas capaz de ser uma confidente boa e leal?

Não sei que seguro indício de lealdade elle viu subitamente nos olhos dela, que dali a pouco abria-lhe a janela da sua alma de par em par e a confidencia brotava dos seus labios como uma necessidade imperiosa:

—Tu sabes, minha pequena, que não sou uma creança. Também não sou conde. Sou um produto internacional, mais ou menos suspeito, de que as agremiações comunistas se servem para lançar nos países conser-



—Porque soffres? Fala.

vadores o germen da sua ideia. Sou o homem perigoso, o «indesejavel», aquele que a policia vigia a toda a hora e que de um dia para o outro é posto na fronteira ou colocado á sombra dum callabouço.

A pequena encostou mais a sua cara á dele, para não perder uma palavra, e o homem misterioso prosseguiu a narrativa:

—Cheguei um dia a Portugal, vindo do Oriente europeu. Trazia dinheiro e uma missão a cumprir. Perdi o dinheiro e não cumpri a minha missão. Sou um homem lançado ao mar. Tenho em frente de mim apenas dois caminhos: uma bala na cabeça ou a vida errante, com a morte á minha espreita em cada esquina. Amanhã, serei considerado um traidor. A organização secreta a que pertenco julgar-me-há sumariamente. E pagarei com a vida a minha traição. Posso fugir, é certo, mas serei perseguido em toda a parte. Não se foge da morte, quando a morte ronda a nossa porta.

Ao ouvir daqueles labios que roçavam quasi a sua pele a misteriosa confidencia, o rosto da «condessa Nathalia» revestiu-se duma gravidade que até ali não tinha.

—Ouve bem, disse ella, é nas horas amargas que se conhecem os amigos. Enquanto tiveste dinheiro, nunca gostei de ti. Andava á tua volta, a cumprir a minha missão de borboleta, que se sente atraída para a luz. A luz era o teu dinheiro. Mas agora que não tens vintem; agora que a fatalidade bateu á tua porta, sinto que á tua porta bateu também o amor. Se tu quizeres, irei contigo para o fim do mundo. Sou tua, meu amor! Dá-me a tua boca!

E um longo beijo selou aquele amoroso contrato, que os dois foram assinar para o hotel, de onde saíram só no dia seguinte para tomar o primeiro comboio que atravessava a fronteira.

Foram as economias da «condessa Nathalia» que pagaram os dois bilhetes de primeira classe.

NORBERTO LOPES

OURO E JOIAS

Com brilhantes SÓ VENDE BARATO
a ourivesaria

Correia & Moura

R. de S. Paulo, 186 — Lisboa
(Próximo á Casa da Moeda)

NO CAMPO DA HONRA



*—Agora a sério, o senhor sempre se quer balar?
—Um de nós tem de ficar aqui!...
—Bem, então, se não se importa, fique o senhor que eu estou com uma pressa dos diabos...*

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

CAS PALAVRUCIDAS
passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.— Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

QUADRO DE HONRA

VISCONDE DA RELVA

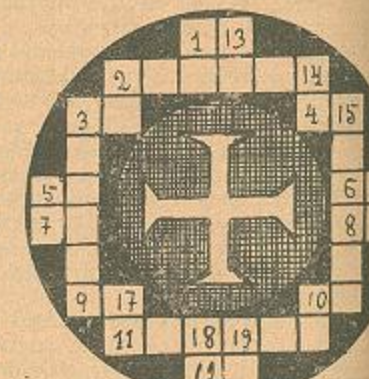
As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 123

HORIZONTAIS.—1 n, 2 res, 3 rilmar, 4 com rim, 5 aca, dzo, 6 antia, 7 cró, 8 ar, eos, al, 9 cela, p, alen, so-abandia, son, satiros, ss-ora, anexa, atila, lxe, 12 arrimo-a, lar, carcova, 13 aipo, o, arca, 14-lé, uno, úa. 15 til, 16 coava, 17 sap, iva, 18 iii, dai, 19 savel, 20 som, 2 s-s
VERTICAIS—s-o, 2 ara, 3 Clara, 4 dea, ril, 5 rú, ipé, 6 adama, 7 ino, 8 cá, aea, si, 9 roca, x, cais, so-rimauce, sal, utopias, 11 nem, tropo, aonia, vos, 12 sardios, mar, olvidem, 13 riza, t, aval, 14 mó, sic, al, 15 ala, 16 atara, 17 ali, cru, 18, ler, oca, 19 noiva, 20 sta, 21 e.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso distinto colaborador «M. Relvas», dedicado A' D. Isabel.
HORIZONTAIS.—1 carta de jogar, 2 cidade hespanhola, 3 outra cousa, 4 duas letras de tolo, 5 até, 6 caminhar, 7 mais, 8 tecido, 9 gemido, 10 nota de musica, 11 nome de mulher, 12 alem.
VERTICAIS.—1 outra cousa, 2 duas letras de «Belas», 3 nome de mulher, 5 suspendel,



10 nota de musica, 13 duas letras de zabol, 14 nota de musica, 15 nome de mulher, 16 duas letras de ródá, 17 caminhava, 18 o, 19 ali.

N.º 3
5.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

12
JUNHO
1927

Apuramento do n.º 10 (4.ª SÉRIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

DITE
N.º 2 6 Votos

N.º 3, de JAMENGAL 3 votos
N.º 7, de BIXO KNHOTO. 1

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO DROPÉ, (Todos da T. E.), HOPE, LILI, MAMEGO, DITE,
Com 12 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

BIXO KNHOTO (9), EURISTO, JAMENGAL (8),

OUTROS DECIFRADORES

DOIS PRINCIPIANTES, RENANDI (3), D. SIMPATICO (2).

DECIFRAÇÕES

1—vomer, 2—CRISTAL, 3—quina, 4—badalada, 5—resabio, 6—paramentos, 7—santido, 8—acicate, 9—obrigade, 10—cabeleira, 11—tresmalhar, 12—abaloso.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.ºs 7 e 12, de BIXO KNHOTO E DROPÉ, com 7 decifrações cada uma.

DEDICATORIAS

DOIS PRINCIPIANTES, D. SIMPATICO, EURISTO e MAMEGO decifram quanto lms era dedicado.

CHARADAS EM VERSO

1 Largos anos hei vivido porque Deus assim o quiz, e, apesar de envelhecido, não 'stou ainda esquecido—1 do tempo em que fui feliz.

Hoje sou bem desgraçado, e, do destino cruel desde ha tempo abandonado,—1 do amargor do meu fado vou tragando o azedo fil.

Como no Mundo, porém, viver bem ou viver mal tudo é viver, disse alguém, Apesar de sem vintem cá vou vivendo, af mal...

Lisboa MATUTO
A' distinta e simpatica Rainha das poetisas charadistas, Marianita

2 MARIANITA a charada, Muito custou, mas matei; Era tão 'alta' e elevada—2 Que cinco dias trabalhei.

E' propicia a ocasião—1 Para dar e receber Desculpas. Dê me a sua mão, E amigos vamos ser.

E desde já fique crente Grave até no coração: Não sou charadista ingente, Nem tenho tal presunção.

Dafundo D. SIMPATICO
Ao D. Simpatico, despertando do K. O.

3 Manhã, acordó é sol nado; Que soubo eu tive; sonhei Que cum confrade elevado Knock-out um dia fiquei.

Mas agora netamente O venho desfilhar; Pode vir serenamente, Estau pronto a batalhar.

Quero partir-lhe a «cachola» Com este enorme calhou—2 E em «paga» seu mariola—1 Indá o hei-de chamar mau.

Pode ver que eu não me apouco Faço sempre obra assada; Se não o vencer no sôco Hei-de vencê-lo á pedrada.

Lisboa CAMARÃO O. E. L.

Ao Renandof, basefiando Tu querias pregar-me uma peça Com a tua arteirice ladina; Tu querias quebrar-me a cabeça Com um vaso, contendo «ergolima».

Com a «ave penalta d'Angola»—3 E um pouco crescido dum ano,—1 Vê-se arranja a comer a «tola» A um «sacerdote moometano».

Porque a mim é que tu não apanhas Com as tuas subitís artimanhas.

Ermezinde FOFORONOFF

CHARADAS EM FR SE

(A «EURISTO» sem intuito de o melindrar)
5) Sobre o que lae aconteceu é bem feito. Já dev a ter jaizo—1-2

Lisboa AFRICANO

6) De quem toma relações íntimas com o charadismo, tenho eu muita pena, pois que em breve tomará intimidade com um manicómio.—3-1

Lisboa DITE

7) Sarge de repente sobre as vagas a corça de cada uma das pequenas bóias da cortiça, nas rédes.—2-1

Lisboa GABI

8) Aquelle que vive apenas para juntar um tesouro, af fatalmente na senda da ignorancia.—2-1

Lisboa JAMENGAL

9) O «JUCA» pôz em liberdade os seus escudos, com sesar porque é forreta.—2-1

Lisboa BIXO KNHOTO

10) Aquelle que profere nasclamente, causa-me pena que peio seu deteito já tenha sido espancado.—2-1.

Lisboa DROPE

11) Em qualquer lugar, sempre há quem dê atenção ao mau comediante.—2-2

Lisboa DOIS PRINCIPIANTES

12) A suave harmonia da musica que arrebatá as almas á cmoilha do templo da admiração, conduz todos ás regiões do extase.—3-2

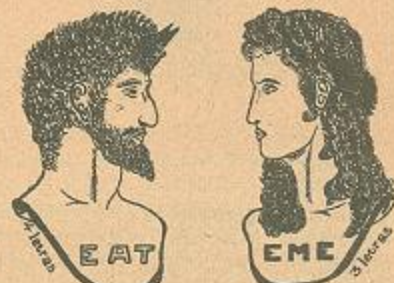
Lisboa SPARTANUS

13) Tive bom eschimento, sobretudo em Lisboa, onde travel conhecimento com uma pessoa de bom carácter.—2-3

Porto RENANDOF

ENIGMA FIGURADO

14) Ao confrade e amigo «ORLANDO»-«PALADINO» com um abraço)



Deus dos infernos

Silbo Ao ar

AVIARDO



Canetas com tinta

O que ha de melhor

CONCERTAM-SE CANETAS

DE TODAS AS MARCAS

PAPELARIA DA MODA

167, RUA DO OURO, 173

LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

VARIA

Como se acorda o Passado



A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Freira Machado, Oremio Literario, Rua Ivens, n.º 31

N.º 126—PROBLEMA

Por G. Hume

Pretas (7)



Branças (6)

Viz em dois lances

Solução do problema n.º 125

(Heathcote)

1 D x 2—n.º

Resolva o problema N.º 124 es. sr. Nunes Cardoso.

E' extraordinária de grandeza a emoção que pode transmitir, mesmo a um publico de relativa cultura, uma grande obra de teatro antigo, quando representada no proprio scenario, onde outrora se exhibiu.

Se esse espectáculo tem logar sob o ceu transparente e doce da Grécia ou da Sicilia, sob o ceu incandescente da Africa do Norte é ainda mais impressionante.

Em Delfos, graças á munificência de dois grandes artistas, M.^{me} Sikelianos e seu marido, o poeta grego Angelos Sikelianos, realizaram-se festas que custaram uma fortuna e que ofereceram a um publico de artistas, drama-

culo, o sonho passou quasi a realidade. E dizemos «quasi», porque não foi uma tragedia grega ou romana que foi exhibida, mas uma tragedia classica, a «Phedra» de Racine, com Albert Lambert e M.^{me} Jeanne Delvair, societas da Comedia, nos papeis de Hipolito e da prota-erista.

Outra iniciativa do mesmo genero foi levada a cabo em Siracusa, cidade fundada em 738 A. C., cujo belo teatro grego conserva quasi intacto o seu hemiciclo vistissimo. Já em 1914, um rico siracusano, o conde Mario Tommaso Cargallo conseguira, auxiliado por uma zelosa comissão, fazer representar o «Agamemnon», de Esquilo. Vem a Guerra e houve um largo parentese em tão grandiosa missão de arte. Mas, a partir de 1921, recommencaram as representações classicas: Os «Coeferos» de Esquilo, «Edipo-Rei» de Sófocles, as «Bacantes» de Euripedes, «Os sete diante de Tebas», de Esquilo, a «Antigona» de Sófocles. Finalmente, nesta primavera que vai correndo, já se exhibiram «Medea», de Euripedes, as «Nuvens», de Aristofane, e dois dramas satiricos de Euripedes e Sófocles: o «Ciclope» e «Os Satiros caçando». A organização destes espectáculos é pe feita. A encenação, o scenario, os trajos são confiados a especialistas de alta cultura classica. O grande helenista Ettore Romagnoli traduziu as obras primas representadas. As danças ritmicas são executadas por alunos das melhores escolas romanas ou estrangeiras. O rei de Italia, Mussolini e membros do corpo diplomático tomaram lugar no milenario anfiteatro, e todos os espectadores guardam uma recordação vivissima desse magnifico espectáculo da mais pura arte.



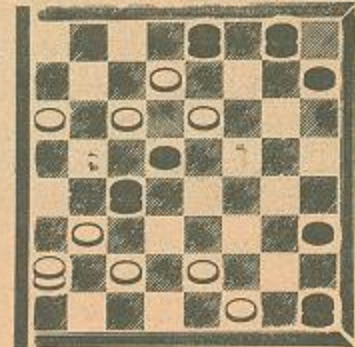
Jeanne Delvair e Albert Lambert, societas da Comedia Francaise, na obra «Edipo, Rei», recentemente representada no antigo teatro romano de Chierchelli, Arçelia, sob os auspícios da Sociedade de Amigos de Cartago e das Cidades de Ouro.

turges e sábios de todo o mundo, a mais exacta e deslumbrante evocação do mundo grego. Sobre as ruinas dos velhos theatros, cantou de novo a alma fresca dos poetas maximumos.

A primeira iniciativa deste genero foi em Dougga, na Tunisia. Ha mil e setecentos anos que o teatro dessa cidade romana, um dos mais belos de tantos que a civilização classica espalhou pelo mundo, jazia soterrado. Um sabio arqueologo, o Dr. Cartou, libertou-o da terra que o sepultava, mas faleceu antes de ver realizado o seu maior sonho: acordar os ecos mortos dos versos imortais que as soberbas colunas mutiladas ouviram ha dezasete seculos! Mas, por iniciativa da «Sociedade dos Amigos de Cartago e das cidades de

PROBLEMA N.º 126

Pretas 4 D e 3 p.



Branças 1 D e 8 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 124

	Branças	Pretas
1	17-22	26-17
2	18-25	29-22
3	15-18	22-15 8
4	19-24	
5	7-0	
6	31-14-3	12-26-13-6
	Ganha	

Resolveram o problema n.º 123 os srs: Alvaro dos Santos, Armando Macilado, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes (Bemfica), José Brandão (Infantes), Mario Domingos Pereira, Miguel Jesus Farnamacho (Vila Real de Santo Antonio), Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi nos enviado por N. Nunes, e é dedicado ao Ex.^{mo} Sr. Barata Salgueiro (Bemfica).

Para a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

Barreira de sombra

CAMPO PEQUENO

Mais uma corrida em que o curro de touros mansos comprometeu a nossa tauromaquia; decididamente, parece estarem apostados os levadores a não apurarem as raças dos seus touros e d'ali acontecer o que se viu no domingo passado, em que algumas «rezes bravas», fugindo dos toureiros, recolheram como estramar sem um unico ferro nos cachaços. A excepção dos primeiro e segundo touros, aquele bem farpeado por José Casimiro e o outro distintamente bandarilhado por Custodio Domingos e Rafael Conçalves, os restantes, embora bem apresentados, não proporcionaram trabalho que se notabilizasse aos toureiros de pé e de cavallo, tendo apenas sobreido com muita animosidade, numa rez fugida, o jovem José Casimiro Junior, que cohes vibrantes aplausos no final da brilhante lide do 6.º «touro», forçado a marrar pelo seu antagonista.

O espada «Armilita», em face do motivo precedente, apenas colocou dois bons pares de bandarilhas e executou alguns passes de sapate, muito applaudidos.

Os forcados pegaram e «spanharam», a coincidência foi completa e... nada mais.

ZÉPEDRO

Para hoje está preparada uma corrida de touros desembolados, organizada pela Comissão dos Padrões da Grande Guerra, tomando parte entre outros bons elementos os espadas «Armilita» e «Barajas», bem como o distinto cavaleiro Antonio Luiz Lopes, que reaparece esta época no Campo Pequeno, depois do seu successo em praças de Espanha.

Manuel A. Cabral

ALFAIATE

JORNAI PRIX CRIOS DE JANEIRO 1908

Conecções em todos os generos. Fazendas de novidade.

Tel. C. 2939;

Rua do Ouro, 170, 1.º—LISBOA

FUNERAES TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES
PARA TODOS OS CEMITERIOS,
PROVINCIA, ETC.

URNAS.
ARMAÇÕES.
COROAS, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS SERVIÇO PERMANENTE

131, R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA :
RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E.

LISBOA

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

ARMAZEM DAS LAMPADAS

Instalações electricas

RE VENDAS DE LAMPADAS E MATERIAL
GRANDES DESCONTOS

116, 1.º—Rua do Crucifixo, - 116, 1.º

Telefone C. 570

nitida que não tinham já passado vinte e dois seculos sobre a hora evocada...

No dia da representação do «Prometeu aguilhoado» o poeta Angelos Sikelianos leu uma oração inspiradissima, expondo o alcance daquellas festas, cujo supremo objectivo é criar um centro espiritual, uma fonte onde uma aristocracia intelectual possa vir mitigar a sua sede de misterio e de calor fecundor Delfos, que foi o centro espiritual do mundo grego, podia ser agora o nucleo de todas as almas sedentas de prazer espiritual e de beleza estetica.

Tudo

Consegue, Rua do Sol ao Rato, 215, 3.º

APARELHOS VIO

Chegou nova remessa. Tratamentos medicos, higiene e beleza pelos

RAIOS ULTRA VIOLETA

ARMAZEM DAS LAMPADAS

116, 1.º, Rua do Crucifixo, 116, 1.º

Telefone C. 570

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

actualidades graficas

O SPORT EM LISBOA



Uma curiosa fase do desafio Swansea-Sporting, que este club ganhou brilhantemente.

(Foto Salazar Diniz da Foto-Press)

D. ANA AUGUSTA PINTO E CASTRO GUEDES



Faleceu, com a avançada idade de 85 anos, a extremosa mãe do nosso querido amigo Paulo Emilio Guedes, deixando na memória dos que a conheceram uma afectiva e saudosa recordação.

UM GRANDE DESASTRE



No começo da semana chocaram-se em Bessay o expresso de Paris com um comboio de mercadorias. Nesta catástrofe encontraram a morte nove pessoas e ficaram feridas nmas dezenas.

(Foto Meunier)

A VISITA DA ESQUADRA ALEMÃ



A primeira lancha de bordo do «Scheleswig-Holstein», o navio almirante, ao chegar á margem. Foi o primeiro contacto da marinha de guerra alemã com a terra Portuguesa, depois do armistício.



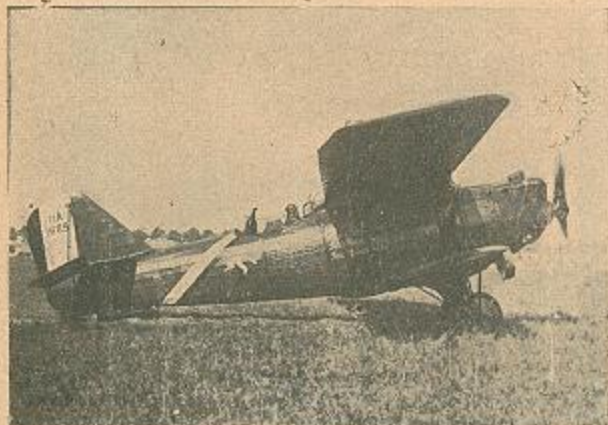
Marinheiros marchando no Rossio, a caminho da Festa do Jardim Zoológico, onde foram recebidos com simpatia pelo povo e onde deram um concerto de boa musica.

(Foto Salazar Diniz da Foto-Press)

A' CONQUISTA DOS "RECORDS"

AS PRATAS DE ARTE

O SPORT NA PROVINCIA



A partida de Paris dos aviadores Costes e Rignot para a conquista do record mundial de distancia. O avião tem gravados na carlinga os records já conseguidos. Desta vez os audazes aviadores não atingiram o objectivo, não batendo o vôo formidavel de Lindbergh nem o de Chamberlain.

(Foto Meunier)



Uma admiravel peça de arte da casa J. e M. Pedro Fraga, R. da Palma n.º 82, das mais justas e reputadas do Paiz.



O onze do Lusitano Foot-Ball Club de Val-de-Moinhos, Viseu, campeão da Beira-Alta.

(Foto João Rodrigues)

PUBLICIDADE

Salão Elegante das Avenidas

ATELIERS DE ROUPARIA E CHAPEUS PARA SENHORAS

Sempre os ultimos modelos.

ENXOVAIS PARA NOIVAS—Meias de seda, Perfumarias e Novidades

Secção de CABELEIREIRO PARA SENHORAS E CRIANÇAS

Cortes pelos ultimos figurinos, ondulação Marcel, pinturas, etc.

49-A, AVENIDA DA REPUBLICA, 49-C. Telefone Norte 5689

FOGÕES ECONOMICOS!!

350\$



ASSA
GRELHA
COSE
FERVE
E NÃO
SUJA

SEM FUMO
SEM CHEIRO
SEM CINZAS

EM 12 PRESTAÇÕES MENSUAES

CADDO GAZ VER AS NOSSAS MONTRAS
RUA DA ROA VISTA 35

Casa Africana

LISBOA — Rua Augusta, 161

PORTO — Rua 31 de Janeiro, 220

Estação de Verão

Tem ocasionado o maior successo em Lisboa a exposição que temos feito de modelos e tecidos adquiridos por nós em França, Inglaterra e Alemanha.

Vestidos — Manieaux — Chapeus

Para senhoras e crianças continuamos a expôr nas nossas montras os mais originaes modelos e suas copias que têm sido justamente apreciados não só pela originalidade do seu corte como pelo seu limitado preço.

Sedas — Lãs — Algodões

Estamos ainda recebendo destes tecidos as maiores novidades para verão o que nos permite apresentar um sortido que em qualidade e preço ninguém pode competir connosco.

RETALHOS

Todas as quartas-feiras liquidam-se por preços extraordinariamente baratos todos os fins de peças acabadas durante a semana.

ALVES & GUERRA, L.^{DA}

ACESSORIOS E FERRAMENTAS PARA AUTOMOVEIS

TELEFONE 54.6 N.

ARMAZEM DE VENDAS: — 47, Rua Alves Correia, 49

ESCRITORIO: — 43, Rua Alves Correia, 43

LISBOA

The Motor Car Stand L.^{da}

Representantes das acreditadas marcas de automoveis

Pierce — Arrow — Kissel e Pontiac

11 — RUA PAIVA DE ANDRADA — 13

Telefone 3100 C.

LISBOA

AUTOMOBILISTA LIMITADA

160, RUA ALVES CORREIA — LISBOA

Sempre o maior sortimento de accesorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico: AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte



Aparelhos fotograficos, chapas, peliculas, papeis e accesorios, dos melhores fabricantes.

Especialidade em trabalhos para amadores.

Reportagens em todos os generos e em qualquer ponto do paiz. Pessoal habilitado em reportagem desportiva e actualidades.

A. ABELLA, L.^{DA}

MOBILIARIO E DECORAÇÕES

108, Rua da Palma, 114

LISBOA

A. CRUZ L.^{DA}

R. DA MADALENA, 29, 2.º — LISBOA

Telefone C. 1143

Armazem de productos quimicos e especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras

GASES E ALGODÕES

ARTIGOS DE BORRACHA E UTENSILIOS PARA LABORATORIOS E CIRURGIA

Fornecimentos completos para Farmacias e Hospitais

Importação directa

EX.^{MAS} SENHORAS

Participamos a V. Ex.^{as} que inaugurámos a nova secção de CABELEIREIRO PARA SENHORAS E CRIANÇAS

MANUCURE E MAÇAGISTA

nos nossos ateliers de MODAS E CONFECCÕES da Avenida Almirante

Reis, n.º 29, 1.º D.º (aos Anjos)

Sob a habil diirecção do Sr. Reginaldo Cruz, ex empregado do Salão Tivol
Ema Noronha, Ltd.

COOPERATIVA
DOS

Estofadores e Decoradores

Preziada na Exposição do Rio de Janeiro em 1908 com a medalha de prata

Sociedade de Responsabilidade Limitada

ENCARRREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS EM ESTOFO, TANTO EM NOVO

COMO REPARAÇÕES E BEM ASSIM PINTURAS E ENCERAMENTOS DE CASAS

ARMAÇÕES, TAPETES, OLEADOS, MOBILIAS POLIDAS, MOVEIS DE FANTASIA, PAPEIS PINTADOS, ETC

PREÇOS MODICOS

31, Calçada da Estrela, 33

LISBOA

Telefone T. 39

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E ESPANHA

ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 13 ESC.

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO, 52 ESC. - SEMESTRE, 26 ESC. -
E STRANGEIRO
ANO, 64 ESC. - SEMESTRE, 32 ESC.

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - THEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



O pungente desastre do "Henrriot 33"

Por um motivo desconhecido o hidro avião 33 da Aviação Marítima, quando fazia acrobacia, precipitou-se bruscamente nas aguas do Tejo, arrastando o seu tripulante, o 1.º tenente Apeles Espanca, piloto audacioso e formoso temperamento de artista cuja morte emocionou profundamente o país.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING